

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO MUSEAL EM UMA ESCOLA PRIVADA

Suzane Faim

Programa de Pós-Graduação em Educação/UNIPLAC

Lages, SC

e-mail: suzanefaita@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1250-4842>

Lilian Louise Fabre Santos

Departamento de Arquitetura e Urbanismo/UNIPLAC

Lages, SC

e-mail: arqilianfabre@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8048-3377>

Kássia Lima Zanchet

Anita Garibaldi, SC

e-mail: kl.zanchett@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1066-8181>

RESUMO

Este relato de experiência aborda a criação do Espaço de Memória Santa Rosa de Lima, localizado na cidade de Lages, no Planalto Sul de Santa Catarina, e discute a relevância da preservação histórica e da memória. O processo de criação do espaço desde a escolha dos objetos até a apresentação deles na exposição, e as dificuldades enfrentadas pela equipe, são descritos neste texto. Os trabalhos iniciaram em 2019, sendo concluídos em 2021.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Memória; História; Espaço museal; Exposição.

Artigo recebido em: 05/07/2021

Artigo aceito em: 26/08/2021



ABSTRACT

This experience report describes the creation of the Santa Rosa de Lima Memory Space, located in the city of Lages/SC, and discusses the relevance of historical preservation and memory. The creation process of the space since the objects until the presentation in the exposition, and the difficulties faced by the team, are described in this text. The work started in 2019, being completed in 2021.

KEYWORDS: Education; Memory; History; Museal space; Exhibition.

RESUMEN

Este relato de experiencia describe la creación del Espaço Memória Santa Rosa de Lima, ubicado en la ciudad de Lages, Planalto Sul de Santa Catarina, y discute la relevancia de la preservación y la memoria histórica. El proceso de creación del espacio desde la elección de los objetos hasta la presentación de los objetos en la exposición, las dificultades enfrentadas por el equipo, se describen en el texto. Las obras comenzaron en 2019 y finalizaron en 2021.

PALABRAS CLAVE: Educación; Memoria; Historia; Espacio museal; Exposición.



O presente trabalho é um relato de experiência que descreve a criação de um museu em uma escola particular na cidade de Lages, estado de Santa Catarina, com objetivo de discutir a relevância da preservação da história e da memória e abordar as possibilidades educativas do espaço. Entende-se o processo de musealização como um ato político de caráter seletivo, carregado de simbologia e de interesses que nem sempre ficam aparentes. Importante relatar que as três autoras deste texto foram as responsáveis pela implementação do espaço, duas responsáveis e uma estagiária.

Convém abordar o contexto histórico da cidade em que a atividade se desenvolve. A cidade de Lages está geograficamente localizada no Planalto Sul de Santa Catarina. Fundada em 1766 pelo bandeirante Antônio Correia Pinto de Macedo, sua história é marcada pelo extermínio da população indígena - viviam em toda a região os povos Kaingang e Xokleng - bem como a escravização de pessoas negras. Relevante destacar que a história oficial não inclui esses fatos, valoriza o mito da fundação e, conseqüentemente do seu fundador, homenageando-o com uma estátua em uma praça central. O espírito violento e belicoso do colonizador paulista é denunciado em sua própria estátua em cujo braço estendido para o alto, segura na mão direita uma garrucha. Oculta também a história da ditadura militar, das mulheres, da resistência negra e dos movimentos sociais.

Dentro desta perspectiva da história tradicional que valoriza os grandes feitos, a organização do Espaço de Memória Santa Rosa de Lima e o projeto de educação constituem-se em uma alternativa para um ensino de história mais inclusivo, com vistas a promover uma reflexão da sociedade. A história é escolha, e seu objeto de estudo não é o passado, mas sim “os homens” no seu tempo (BLOCH, 2001), ou seja, uma história que não exclua grupos sociais, ao mesmo tempo que perceba as contradições presentes, pois a ação humana é histórica, os seres humanos são sujeitos históricos (MARX, 2007).

O processo para constituição do Espaço de Memória do Colégio Santa Rosa de Lima iniciou no ano de 2019, a partir de uma demanda da escola. A escola financiou o trabalho assim como a equipe de especialistas responsável pelo projeto, que foram contactadas pelos diretores da instituição para a realização do trabalho. A equipe era composta por uma arquiteta e urbanista, mestre em preservação do patrimônio cultural, uma licenciada em história e uma estagiária, à época, estudante de arquitetura e urbanismo. Foi um longo processo até a criação oficial do espaço, o qual é mantido através de recursos do Colégio Santa Rosa de Lima, tendo a data de fundação em 2 de fevereiro de 2021, registrado em ata e a inauguração aconteceu em março do mesmo ano.



No conjunto que abriga o Colégio Santa Rosa de Lima e o Espaço de Memória, funciona desde 1915 uma escola particular, fundada pelas irmãs da Divina Providência (Figura 01). A instituição foi fundada em 1901 e, antes de mudar para o atual prédio, estava localizada em uma casa alugada, em outro endereço. Foi por meio das pesquisas para a criação do espaço museal que essas informações sobre a data do prédio foram esclarecidas.

Relevante destacar que a edificação atual foi tombada, em 2001, como patrimônio histórico e cultural pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), sendo considerada patrimônio estadual. Segundo consta no site da FCC, “Edificada em dois pavimentos, possui aberturas em arco pleno e sua cobertura é em telhas de zinco. É marcante a presença de mansardas”. Apesar de ser desde o início uma instituição privada, manteve de 1904 a 1969 o Coleginho Imaculada Conceição, destinado às crianças empobrecidas.



Figura 01 - Primeira fachada Colégio Santa Rosa de Lima, aproximadamente 1924.

Fonte: Museu Thiago de Castro, 2021.



O trabalho de construção do Espaço de Memória iniciou com o levantamento das informações e dos objetos, disponibilizados pelo colégio. Esses objetos estavam dispersos em salas do terceiro andar da edificação, utilizadas como depósitos, desta forma, não estavam organizados, catalogados e adequadamente conservados. Além disso, a equipe foi informada de que muitos objetos foram descartados, mesmo podendo ter valor histórico; em outros casos, durante o processo, peças foram entregues à equipe por funcionários do colégio. Após o levantamento inicial, todas as peças consideradas com valor histórico e com potencial para se tornar um bem cultural musealizado, foram fotografadas, catalogadas e fichadas, pela estagiária da equipe, como uma forma de registro. Houve um esforço em buscar mais informações a respeito das peças, o que demandou um longo período, e mesmo assim, em quase totalidade, as fichas não dispõem da data precisa de aquisição do objeto pela escola. Entretanto, compreende-se que para além dessas informações os objetos têm valor, pois remetem ao passado e acionam a memória dos visitantes.

Ao mesmo tempo que acontecia o trabalho de catalogação do acervo, as outras integrantes da equipe realizaram o levantamento dos documentos que foram disponibilizados para consulta, os quais estavam sob responsabilidade da secretaria da instituição, mais precisamente de uma funcionária antiga da escola. Os documentos revelaram-se uma raridade, além de fotografias antigas, plantas, fachadas e documentos formais, foram encontrados, documentos públicos de compra e venda de terrenos, de pagamentos de impostos, contratos de aluguel, pedidos de autorizações para realização de missas, entre outros, alguns datados do final do século XIX. Após o levantamento dos dados, informações históricas referentes a edificação e a instituição de ensino, as suas atividades e as memórias presentes no local, iniciou-se a etapa de preparação para o espaço físico.

Os museus são lugares de memória, acrescentemos a isso que “a memória (é) o principal nutriente da história” (CASTANHO, 2016, p.155), porém não se confunde com ela. A memória são lembranças de acontecimentos, mas também sentimento e sensações, podendo ser, individual ou coletiva (HALBWACHS, 1990). A história parte dos “fatos acontecidos e os processos desenvolvidos, [...] A seleção começa pelos fatos que a sociedade considera “dignos de memória” e se completa pela nova seleção e pela organização que lhe faz o historiador”. (CASTANHO, 2016, p. 155-156).

A sala escolhida para abrigar o Espaço de Memória está na parte mais antiga da edificação, esse fato foi levado em consideração, numa relação entre os acontecimentos históricos da instituição e a memória constituída. A relação se deu através das conexões entre a história e a



memória. O lugar remete a memória afetiva, antigos estudantes relatam experiências e evocam lembranças. Os atuais estudantes demonstram curiosidade, como se o sótão fosse um espaço místico/misterioso, e no que se refere a história, abrigou durante anos o quarto das internas do Colégio Santa Rosa de Lima.

O sótão é frequentemente lembrado por funcionários, alunos e pessoas da comunidade e as histórias em relação ao espaço são diversas. Há quem lembre do local quando era proibido acessá-lo, por ser privado das Irmãs da Divina Providência e dessa forma, gerar narrativas de que poderia ser mal-assombrado. Outros lembram de momentos em que alunos se escondiam dos professores no sótão para não participar de certas atividades e para alguns alunos, atualmente, o sótão é acessado para as aulas de música, além de parte dele ainda ter a função de depósito (Figura 02).



Figura 02 – Sala escolhida para abrigar o Espaço de Memória, antes da realização do projeto. Fonte: acervo da equipe, 2019.



Desta forma, entre as diversas funções que o espaço desempenhou ao longo do tempo, a conservação da sala e sua estrutura física, as diferentes narrativas e memórias criadas a partir do local, contribuíram para a definição de que a sala abrigaria o Espaço de Memória. Após a inauguração, o Espaço de Memória foi fortemente reconhecido pela comunidade, mesmo tendo limitação em relação à visitação devido a pandemia de Covid-19, um dos motivos mais comentados era justamente a localização do espaço, o sótão do Colégio Santa Rosa.

O objetivo do levantamento e criação de um espaço de memória era, também, valorizar a história da instituição. Os documentos e objetos auxiliaram nesta investigação, porém, foram encontrados três diários (cadernos), chamados pelos profissionais da instituição de crônicas, escritas pelas irmãs da Divina Providência, que contam desde a chegada delas em Lages até a década de 1970. Estas memórias se tornaram a principal fonte de pesquisa, confrontadas a outros documentos e pesquisas já realizadas. Nestes três volumes foi possível encontrar datas importantes para a história do colégio, como o início do internato, a fundação do Coleginho Imaculada Conceição, a inauguração do prédio da atual escola e suas ampliações, e registros como da Guerra do Contestado e da Gripe Espanhola, por exemplo. Essas fontes foram analisadas cuidadosamente, considerando que consistem em memórias, não vistas como verdades absolutas, havendo um esforço para interpretar e contextualizar esses escritos. “Sem memória não há história. Desde Tucídides a história narra o de que a memória se lembra. A diferença é que hoje não há a necessidade do testemunho presencial do narrador, substituído pelas fontes, tanto duras, documentais, probantes, quanto indiciárias, mais leves”, (CASTANHO, 2016).

A partir das fontes de primeira mão e de pesquisas bibliográficas foram elaborados os textos que hoje fazem parte da exposição. Evidentemente que a pesquisa não se encerra na construção do espaço, as pesquisas precisam ter continuidade, não somente pela equipe responsável pelo museu, mas por pesquisadores externos que possam acessar o acervo documental que segue sendo organizado.

Projeto do espaço museal

Inicialmente, foi realizado o levantamento cadastral na sala escolhida para abrigar o Espaço de Memória e no corredor de acesso à mesma, o qual é utilizado como *hall* de entrada para o espaço. A sala principal era utilizada como depósito e espaço para aulas de música, e está localizada na construção mais antiga do conjunto, que data de 1915, no terceiro pavimento,



chamado de sótão. Construída predominantemente em madeira, incluindo estrutura interna, piso e forro, somente as paredes externas são de alvenaria, com vista para a Rua Frei Gabriel e para o pátio interno do Colégio Santa Rosa de Lima.

O levantamento foi realizado através de medições do espaço interno da sala, gerando assim, planta baixa, vistas e detalhamentos das esquadrias e estrutura interna, através da plataforma AutoCAD, e após o levantamento foi possível gerar um projeto em 3D do espaço, utilizando a plataforma SketchUP. Após escolha do local, levantamento fotográfico e arquitetônico, e análises dos materiais existentes, foram realizados os estudos para *layout* e design de interiores do museu. É um espaço de aproximadamente 165 m², com acesso por um corredor, onde neste localizava-se a entrada para alguns quartos e banheiros, que na época eram utilizados pelas freiras que ali residiam e lecionavam, além de dar acesso ao reservatório de água e a cobertura.

O projeto de interiores do espaço de memória foi baseado em referências relacionadas a salas de exposição de pequeno porte. Buscou-se por estruturas e mobiliários de apoio, as quais proporcionam facilidade na montagem, possibilidade de alterações e materiais contemporâneos que possam ser distinguíveis em relação aos materiais existentes. Por estar localizado em uma edificação tombada a nível estadual, o projeto do espaço de memória foi pensado de modo que respeitasse a edificação, as técnicas construtivas e os materiais ali empregados, além de gerar um resultado que fosse distinguível e reversível em relação ao existente.

O *layout* do Espaço de Memória foi concebido através de painéis em madeira aliados a estrutura metálica com perfis em aço tubular quadrado, formando módulos (Figura 03). A estrutura utilizada para fixação dos painéis verticais centrais trata-se de perfis tubulares quadrados, em aço, com 3" (polegadas), os quais foram fixados horizontalmente no piso e no barrote em madeira, utilizando o próprio espaçamento da estrutura interna. Os perfis são utilizados verticalmente para sustentação e apoio das prateleiras e painéis em madeira. Os painéis e prateleiras são em madeira de pinheiro, com 2" (polegadas), assim como as prateleiras, as quais variam de tamanhos em relação ao seu comprimento, de acordo com a necessidade do objeto a ser exposto. Desta forma, criam-se módulos de aproximadamente 1,20 metros de largura cada, formando dois eixos centrais com oito módulos, tendo em torno de 10 metros de comprimento no total. Cada painel expõe conteúdos e objetos diversos.



Figura 03 - Espaço de Memória Santa Rosa de Lima.

Fonte: Diogo Schmidt, 2021.

Por conta das inúmeras fitas de VHS que fazem parte do acervo, três móveis antigos foram usados para suporte de um televisor de tubo, aparelho de videocassete e armazenamento das fitas que datam dos anos de 1980 a 2000 e são registros de atividades e comemorações escolares. No corredor de entrada para o museu foi fixado um grande painel horizontal o qual tem função de apresentar e introduzir a exposição museal, além de camuflar o reservatório de água ali existente.

O primeiro passo realizado para adequação da sala foi a limpeza, retirando materiais e objetos armazenados no espaço, e na sequência foi realizada a pintura interna da sala. As paredes em madeira, foram pintadas de branco e a parede em alvenaria em cor destacada por estar na face dos fundos, desse modo, ao entrar no museu, a cor escura destaca todo o interior, assim como, os barrotes de madeira no teto receberam destaque através da cor, evidenciando a técnica e os materiais existentes. Foram empregados trilhos móveis, com iluminação focal, para dar destaque às peças, fotografias e documentos ali expostos, de modo que, quando necessário, podem ser movimentados. Os trabalhos de pintura e limpeza da sala foram realizados por colaboradores internos do Colégio Santa Rosa de Lima, e a instalação dos painéis em madeira e da estrutura



metálica foram realizados por uma empresa especializada. A partir de então, iniciou-se a montagem da exposição, a qual levou em torno de seis meses para ser concluída.

Importante destacar que a exposição dos objetos não pretende ser fixa, o próprio projeto do espaço permite uma alternância. A primeira exposição inaugurada junto com a abertura do espaço foi pensada e distribuída por temas partindo dos textos históricos e documentos originais expostos nos painéis, destaca-se que, optou-se por expor alguns documentos originais numa tentativa de preservá-los por mais tempo. Foram assim divididos: sacros (castiçais, posta hóstias, imagem da Santa Rosa de Lima), escolares (projetores, microscópio, máquina de escrever, trabalhos manuais, entre outros), cotidiano (ferros de passar roupas, tinteiros, abridor de cartas, etc.), indígenas (flautas, arcos, zarabatana, entre outros), troféus de conquistas esportivas e de desfiles e uniformes escolares e da banda feminina. Destaca-se dois itens da exposição, um caderno com matrículas das aulas do Coleginho Imaculada Conceição das décadas de 1920 e 1930 e o caderno de anotações, espécie de diário, da coordenadora pedagógica, que registrou o assassinato da aluna Aline Geonava Schmith no ano de 1986. Trata-se de um fato histórico que foi registrado pelos jornais da cidade, em que a menina foi morta quando se deslocava para a escola, a mãe foi a julgamento como uma das mandantes do crime, e este objeto é um dos que mais chama a atenção na visita ao espaço. Convém observar que, embora a visita seja mediada e algumas discussões sejam propostas, são os estudantes os protagonistas, pois é a partir dos seus interesses que acontecem os debates acerca da exposição.

Na parede à direita de quem entra no espaço tem molduras de fotografias antigas de formandas do colégio, da década de 1930 a 1950. O corredor que leva a sala do museu também conta com fotos de turmas, essas, da oitava série, nos anos de 1970, 1980 e 1990. Um quarto antigo utilizado pelas irmãs, quando existia na instituição o internato de alunas, foi montado lembrando um quarto original, com móveis antigos, uma cama de madeira, um móvel onde foram colocadas uma imagem de um anjo e uma bíblia, duas cadeiras de madeira e um armário. Na parede foi colocado um crucifixo. O armário tem fotos do colégio que não estão catalogadas e podem ser manuseadas, em álbuns, pelos visitantes.



Escolha dos objetos para a exposição

Os objetos encontrados nos depósitos foram separados em 14 categorias, que são elas: bateria, bordados, equipamentos, fitas e quadros, instrumentos musicais, mobiliários, notas antigas, objetos do cotidiano, objetos e roupas da banda, objetos indígenas, objetos sacros, pedras, troféus e uniformes. Alguns objetos e instrumentos foram catalogados, mas não fazem parte do acervo e da exposição, como por exemplo, os da bateria. Após a separação, estes objetos foram fotografados, catalogados e registrados em uma ficha (Quadro 01), a qual tem como objetivo descrever o máximo possível de informações, como por exemplo, data, função, materialidade, técnica, procedência, estado de conservação, descrição formal e dados históricos, assim como demonstrar as fotos do objeto.

No caso do museu citado neste trabalho, na maioria das fichas faltaram informações, principalmente referente a época ou data do objeto, assim como sua procedência. Foram catalogados 318 objetos, sendo a categoria com maior número de fichamentos a de objetos sacros, seguida pela de objetos do cotidiano. Os temas que deram origem às seções da exposição assim como os objetos escolhidos para compor o espaço museal foram definidos com base nas pesquisas realizadas pela equipe e pelo fato de que muitos desses objetos estavam guardados no colégio. Os objetos ali armazenados são considerados relevantes para a memória e compreensão da história do colégio, da mesma forma que para os alunos e funcionários, pois fizeram parte de algum período da escola, e das pessoas que ali estudaram e trabalharam, como antigos móveis e utensílios, mesas e cadeiras utilizadas em sala de aula, roupas da banda do colégio, fotos das festividades e dos alunos, etc., desse modo, percebeu-se o valor afetivo e a representatividade destes objetos e lembranças para os alunos e funcionários, que mesmo de forma não adequada os mantinham guardados, além de levar em consideração os relatos dos funcionários e direção a respeito dos mesmos.

Além disso, a escolha dos objetos para exposição priorizou os que melhor poderiam ser utilizados para contextualizar a história do colégio e reconhecimento da memória coletiva da instituição. Ao mesmo tempo que poderiam, caso não houvesse visita mediada, promoverem o entendimento da exposição. Também se valorizou a história das mulheres, representadas no espaço pelas irmãs da Divina Providência e as alunas.

Parte-se dos objetos e da exposição para promover a reflexão a respeito de temas diversos, levando em consideração questões histórico-sociais. “A escolha museológica provoca um novo olhar sobre esses objetos, na medida que busca um outro sentido, além do sentido aparente, um



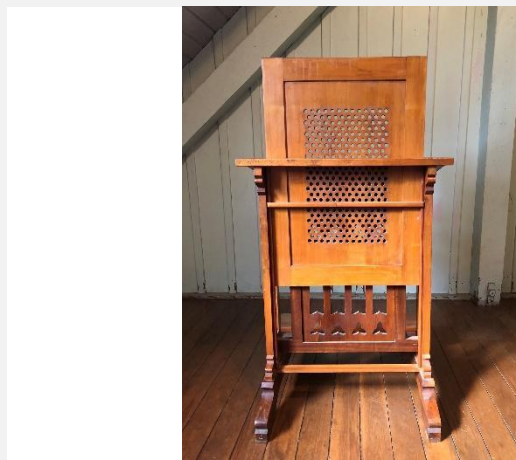
olhar que sem eliminar a função primeira dos objetos acrescenta-lhes novas funções [...]" (CHAGAS, 1996, p.56). Sem perder de vista que é no presente que se faz o movimento de refletir os processos históricos, os acontecimentos e a construção da memória.

Quadro 01. Modelo de ficha

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE BENS /ACERVO

MUSEU HISTÓRICO DO COLÉGIO SANTA ROSA DE LIMA

1. Fotos



2. Acervo:

MCSR

4. Município/Localidade:

Lages/SC

3. Caixa/ Código:

5. Época:

**6. Coleção:**

Mobiliário

8. Autoria:**10. Material/técnica:**

Madeira entalhada

12. Marca/inscrições/legenda:

Patrimônio 0441

7. Designação:

Genuflexório com confessionário

9. Função:

Apoio para se ajoelhar e divisória para confissão

11. Procedência:**13. Estado de Conservação**

Ótimo () Bom () Regular () Ruim

14. Especificação do Estado de Conservação:

Peça em ótimo estado de conservação

15. Descrição Formal:

Peça do genuflexório de madeira entalhada. Divisória de madeira com aberturas redondas, solta, que se encaixa e corre ao longo do genuflexório

16. Dados Históricos:**17. Observações:****18. Referências Históricas Documentais e/ou Bibliográficas:**

Fonte: Espaço de Memória do Colégio Santa Rosa de Lima, 2019.

História, memória, educação e patrimônio

Atualmente o Espaço de Memória está em processo de cadastro no Sistema Estadual de Museus, e estuda a implantação do Plano Museológico. O Plano é um documento que “define conceitualmente a missão, a visão, os valores e os objetivos da instituição, e alinha, por meio de



um planejamento estruturado e coerente, seus programas, seus projetos e suas ações” (IBRAM). O Espaço tem uma coordenadora que permanece dois dias da semana no local e recebe turmas de alunos para visitação. Além de acessarem a exposição, os estudantes têm contato com a história do Colégio e da cidade de Lages. Eles levantam questões diversas e fazem relações com o seu cotidiano. Para Paulo Freire (1987), é a partir das próprias vivências que se dá o processo educativo. As crianças e jovens não são depósitos de informações, são participantes do processo de ensino e aprendizagem à medida que são sujeitos com experiências de vida, que não devem ser ignoradas pelos educadores.

Por conta da pandemia do coronavírus as visitas externas não estão acontecendo, porém, há o interesse da coordenação do Espaço em receber a população, inclusive alunos de outras escolas, públicas e privadas. O objetivo do Museu é promover a educação patrimonial e histórica, mas para além disso possibilitar o debate sobre questões da atualidade. Pretende ser um espaço de construção do conhecimento a partir de uma relação dialógica, possibilitando aos estudantes expressarem suas percepções a respeito do espaço e dos objetos. Entende-se o museu não como um local que tem todas as respostas, mas que constrói junto aos visitantes com suas experiências, um processo de apreensão de saberes. Valoriza-se o diálogo, “ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal” (FREIRE, 1987, p. 81). O educador chama atenção para o diálogo crítico e não ingênuo. O educador, seja da educação formal ou não formal, como é o caso dos espaços museológicos, não devem se colocar acima dos estudantes, ou dos visitantes, se isso acontece, não há a verdadeira educação no sentido freireano. Freire (2001) fala da educação como ato político, ou seja, ao abordar questões históricas o educar tem responsabilidades éticas. Numa visão freireana “a educação para a libertação, responsável em face da radicalidade do ser humano, tem como imperativo ético a desocultação da verdade” (p.45).

Como citado acima, o museu relaciona questões históricas, de memória, educacionais e patrimoniais, buscando desenvolver atividades e questionamentos que tratem dessas questões conjuntamente, associada à educação patrimonial. O tema educação patrimonial está cada vez mais presente nas discussões e estratégias envolvendo o campo do patrimônio cultural. Desde a sua criação, o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), manifestou-se interesse e realizou iniciativas e projetos envolvendo ações educativas como estratégias de proteção e preservação do patrimônio cultural.

Convém ressaltar que a Educação Patrimonial foi introduzida no Brasil, pela primeira vez, no início da década de 1980, através de experiências na área de museologia, trazidas da Inglaterra e aqui aplicadas, onde se buscava o uso dos museus e dos monumentos históricos para finalidades



educacionais (SCIFONI, 2012). Em 2009, através do Decreto n. 6844, foi criada a Coordenação de Educação Patrimonial, que visa garantir e dedicar-se à promoção, coordenação, integração e avaliação da implementação de programas e projetos de educação patrimonial, a partir disso, os órgãos responsáveis promoveram formações e encontros, envolvendo técnicos e instituições públicas, universidades e a sociedade civil, com objetivo de debater e refletir sobre os conceitos e práticas do campo da educação patrimonial.

Desde a ampliação do conceito de patrimônio, assegurado pelo artigo 216 da Constituição Federal de 1988, e dos novos modelos de gestão pública que visam priorizar a construção e a participação coletiva nas ações voltadas ao campo do patrimônio cultural, a educação e os educandos passaram a ser considerados sujeitos históricos e transformadores de suas realidades em seus territórios (FLORÊNCIO, 2019). Desta forma, percebe-se a importância do envolvimento entre educação e patrimônio cultural, que através dessa conexão e tendo a sociedade como agente participativo, promove-se o ganho educacional e a preservação cultural, como cita a Portaria do Iphan, n. 137/2016, em seu artigo 3, que se deve:

incentivar a participação social na formulação, implementação e execução das ações educativas, de modo a estimular o protagonismo dos diferentes grupos sociais; integrar as práticas educativas ao cotidiano, associando os bens culturais aos espaços de vida das pessoas; valorizar o território como espaço educativo, passível de leituras e interpretações por meio de múltiplas estratégias educacionais; favorecer as relações de afetividade e estima inerentes à valorização e preservação do patrimônio cultural (IPHAN, 2016).

O que se busca segundo Sônia Florêncio (2019), é a “construção coletiva das ações educativas, identificando a comunidade como produtora de saberes que reconhece suas referências culturais [...]”, desta forma, “é necessário, substituir a noção de público-alvo das ações educativas para a de público participante” (FLORÊNCIO, 2019, p. 62), assim, a educação não se torna somente uma reprodução de informações, mas passa a ser uma construção coletiva, onde todos os agentes podem transmitir e receber conhecimento, assim como, promover a valorização cultural e a identidade local. Esta perspectiva vai ao encontro das discussões sobre educação, presentes nas obras freireanas.

A educação patrimonial pode ser trabalhada em uma dimensão ampla, “não se restringindo apenas aos bens tombados, mas preocupando-se com tudo aquilo que faz parte da memória social” (SCIFONI, 2012, p. 31), da mesma forma que, segundo cita Sônia Florêncio (2019), a educação patrimonial, “não é uma metodologia, ao contrário, ela pode e deve utilizar múltiplas abordagens, metodologias, performances, leituras da realidade que já são utilizadas pelos agentes do território



e que podem se ampliar nos processos de construção coletiva e planejamento das ações” (FLORÊNCIO, 2019, p. 62). As atividades desenvolvidas no museu, e o que pretende-se desenvolver após o período de pandemia, como por exemplo, a relação dos estudantes, das instituições e da comunidade com as atividades museais, e conseqüentemente com a continuidade delas, tendo-os como agentes que podem contribuir com as atividades atuais e com as próximas que poderão ser desenvolvidas; assim como, as exposições, não sendo um espaço limitado, pelo contrário, um espaço que busca atender, doar e receber contribuições para a continuidade e construção da memória, da história e da preservação cultural.

Exercendo um papel fundamental, a educação patrimonial coloca-se além da simples divulgação do patrimônio, não restringindo-se a estratégias de marketing ou de reprodução de informações, mas, trata-se, de construir uma relação com as comunidades e os lugares, possibilitando a apropriação social de conhecimentos do qual o patrimônio é o suporte (SCIFONI, 2012). Além disso, “as experiências educativas são mais efetivas quando integradas às demais dimensões da vida das pessoas” (FLORÊNCIO, 2019, p. 63), assim, fazemos a relação com o projeto do Espaço de Memória Santa Rosa de Lima, onde associar a educação, presente nesse espaço há mais de um século, com a preservação cultural, tratando-se tanto do bem, da edificação histórica, quanto do acervo, e principalmente das relações afetivas e de memória ali construídas, garantem a aproximação e participação social, assim como, fortalecem e facilitam a transmissão de conhecimento e conseqüentemente a salvaguarda do patrimônio cultural.

Considerações finais

Mesmo tendo um curto período de funcionamento e considerando que este museu foi inaugurado durante o período de pandemia, as estratégias traçadas e até mesmo implementadas na medida em que o funcionamento ocorre, visam incentivar a educação patrimonial, mantendo a relação entre a instituição responsável e as demais interessadas, assim como, a sociedade. Desta forma, pretende-se estreitar as relações para que os alunos, educadores e agentes da sociedade aproveitem ao máximo o que o museu pode oferecer, assim como, contribuam para a formação e continuidade do mesmo.

Os espaços museológicos são importantes equipamentos para a preservação da história e da memória de grupos sociais. Vive-se no Brasil, desde 2016, um desmonte das políticas públicas educacionais, culturais e patrimoniais. Iniciativas privadas como a do Colégio Santa Rosa de Lima, longe de serem ingênuas, são insurgentes, ao promoverem discussões acerca da memória



e da história, não somente das instituições, mas com espaço para grupos marginalizados, como mulheres, negros, juventudes e indígenas, por exemplo.

O espaço será aberto para a comunidade e isso é um ponto muito importante na construção desse espaço. Porém, além disso, considerando que os alunos que frequentam a escola que terão acesso a exposição, a visita guiada e atividades educativas, são em sua maioria, brancos e de classe média, a contextualização com a história de Lages - o genocídio da população indígena, a escravidão/racismo e o processo de formação da cidade - é fundamental. Considerando ainda que foram mulheres que fundaram o espaço e durante muito tempo o colégio foi voltado para a população feminina, é possível, e necessário, discutir gênero. Ao preservar a memória do colégio está presente a condição da mulher, ao abordar a história de Lages, se discute escravidão, resistência e racismo, e pela exposição têm-se a possibilidade de pensar a condição atual dos povos originários na sociedade local, regional e mais abrangente.

É relevante pensar que o museu reflete a trajetória de uma escola e divide espaço com ela, ou seja, estar no mesmo prédio. Desse modo, na medida de sua divulgação, poderá se constituir em espaço de informação, trocas de conhecimentos e intensa visitação de outras escolas das redes públicas e privadas.

Referências

BLOCH, Marc. **Apologia da história**, 2001, editora Zahar.

CASTANHO, Sérgio. 2016.

CHAGAS, Mário de Souza. *Museália*. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

FLORÊNCIO, S. R. **Política de educação patrimonial no Iphan: diretrizes conceituais e ações estratégicas**. Revista CPC, 14 (27esp), 55-89, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v14i27espp55-89>>. Acesso em: 20/01/2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **Bens Tombados**. Disponível em: <<https://www.cultura.sc.gov.br/a-fcc/patrimoniocultural/patrimonio-material/listagem-de-bens-tombados#lages>>. Acesso em: 22 jun. 2021.



HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo - SP: Revista dos Tribunais LTDA, 1990. ISBN 85-7115-038-9.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Portaria nº 137, 28 de abril de 2016. **Portal do IPHAN**. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_n_137_de_28_de_abril_de_2016.pdf

> Acesso em: 20/01/2022.

MARX, Karl. **A ideologia Alemã**. Editora Boitempo, 2007.

SCIFONI, Simone. Educação e Patrimônio Cultural: reflexões sobre o tema. **Educação patrimonial: reflexões e práticas**. / Átila Bezerra Tolentino (Org.) – João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.